

---

**“TUDO O QUE É SÓLIDO DESMANCHA NO AR”: UMA ANÁLISE  
SOBRE A METAMORFOSE DO CAPITALISMO**

---

*Daniel Coelho de Oliveira e Rômulo Soares Barbosa*

**RESUMO**

*Este ensaio busca relacionar a análise do que se convencionou chamar de ‘primeiro espírito do capitalismo’ a partir das proposições teóricas presentes nas obras de Max Weber, Luc Boltanski, Ève Chiapello e Manuel Castell. O trabalho apresenta inicialmente de maneira descritiva o que se entende por primeiro espírito do capitalismo, o novo espírito do capitalismo e da sociedade em rede. Em seguida, de forma analítica, serão*

*realizadas convergências e aproximações metodológicas entre as abordagens do ‘O novo espírito do capitalismo’ e a ‘Sociedade em Rede’, tendo em vista um melhor delineamento das posições defendidas pelos autores. Também abordaremos a dinâmica de ‘poder’ dentro da estrutura das redes, e um debate sobre as configurações temporais nos dois momentos.*

“Tudo o que é sólido desmancha no ar”, a emblemática frase de Karl Marx, é uma metáfora razoável para apresentar as inúmeras transformações vivenciadas pelo sistema capitalista nos últimos séculos. Período em que o capitalismo tem se mostrado com uma imensa capacidade de adaptar-se a novos contextos. Seu poder poderia ser chamado de transformador adaptativo. Transformador, por que o foi desde a sua origem, solapando as bases de

um tradicionalismo construído durante séculos. Adaptativo, por que além de se acomodar nas mais diversas estruturas culturais, impeliu quase a totalidade das nações a se ajustar a sua lógica de produção. Sem nenhum fatalismo, o capitalismo se perpetuou até o momento, sendo duro quando se permitiu, e flexível quando conveniente, por outro lado, sem nunca se esquecer de motivar todos os seus adeptos a um engajamento profundo.

A proposta do ensaio passa por uma tentativa de construir uma ponte entre o que se convencionou denominar de ‘primeiro espírito do capitalismo’ a partir das proposições teóricas presentes na obra de Max Weber, o ‘novo’ espírito do capitalismo na concepção de Boltanski e Chiapello (2009), e a ‘Sociedade em Rede’ de Castells (1999). O trabalho será estruturado da seguinte forma: nas duas seções iniciais, apresentar-se-á de maneira

descritiva o que se entende por primeiro espírito do capitalismo, o novo espírito do capitalismo e a sociedade em rede. Em seguida, de forma analítica, serão realizadas convergências e aproximações metodológicas entre as abordagens do ‘O novo espírito do capitalismo’ e a ‘Sociedade em Rede’, tendo em vista um melhor delineamento das posições defendidas pelos autores. A dinâmica do ‘poder’ dentro da estrutura das redes será explorada na

---

**PALAVRAS CHAVE / Capitalismo / Poder / Redes /**

Recebido: 07/02/2012. Modificado: 27/02/2013. Aceito: 02/12/2013.

**Daniel Coelho de Oliveira.** Mestre e Doutorando em Ciências Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil. Professor, Uni-

versidade Estadual de Montes Claros, Brasil. Endereço: Campus Universitário Professor Darcy Ribeiro, Vila Mauricéia, Montes Claros (MG),

Brasil. e-mail: daniel.coelho@yahoo.com.br

**Rômulo Soares Barbosa.** Doutor em Ciências Sociais, UFRRJ, Brasil. Professor, UEMC, Brasil. e-mail: romulosoaresbarbosa@gmail.com

## “ALL THAT IS SOLID MELTS INTO AIR”: AN ANALYSIS OF THE METAMORPHOSIS OF CAPITALISM

Daniel Coelho de Oliveira and Rômulo Soares Barbosa

### SUMMARY

*This essay seeks to relate the analysis of what has been called ‘the first spirit of capitalism’ from the theoretical propositions in the works of Max Weber, Luc Boltanski, Ève Chiapello and Manuel Castell. The paper presents initially a description of what is meant by the first spirit of capitalism, the new spirit of capitalism and the network society. Then, analytically, con-*

*vergences and methodological aspects in the approaches of ‘The new spirit of capitalism’ and the ‘Network Society’ will be explored, with a view on an improved delineation of positions advocated by the authors. A discussion on the dynamics of ‘power’ within the structure of networks, and a debate about the settings in the two temporal moments, are also included.*

## “TODO LO SÓLIDO SE DESVANECE EN EL AIRE”: UN ANÁLISIS DE LA METAMORFOSIS DEL CAPITALISMO

Daniel Coelho de Oliveira y Rômulo Soares Barbosa

### RESUMEN

*Este ensayo persigue relacionar el análisis de lo que ha sido llamado ‘el primer espíritu del capitalismo’ a partir de las proposiciones teóricas en la obra de Max Weber, Luc Boltanski, Chiapello Eva y Manuel Castell. Inicialmente se presenta de manera descriptiva lo que se entiende por el primer espíritu del capitalismo, el nuevo espíritu del capitalismo y la sociedad de redes. Luego, analíticamente, se abordan convergencias y en-*

*foques metodológicos entre los enfoques de ‘El nuevo espíritu del capitalismo’ y la ‘sociedad en red’, con miras a una mejor identificación de las posiciones defendidas por los autores. También se analiza la dinámica de ‘poder’ dentro de la estructura de las redes, y se plantea un debate sobre los valores en los dos momentos temporales.*

seguinte seção. O ‘tempo’ aparecerá na próxima seção com variável importante para entender o espírito do capitalismo na sociedade em rede. Ao final serão costuradas algumas considerações de caráter não conclusivo.

### Mutações no Espírito do Capitalismo

Logo no início de sua obra, Weber (2004) formula uma problematização de ordem estatística. Segundo ele, basta observar as estatísticas ocupacionais em alguns países europeus para constatar a notável frequência de um fenômeno, o caráter predominantemente protestante dos proprietários do capital e empresários, assim como das camadas superiores da mão-de-obra qualificada. A maior participação de protestantes nos postos de trabalhos mais elevados das grandes empresas capitalistas se deve em parte por razões históricas. Retomando o passado, percebe que a confissão religiosa não aparece como causa, mas sim como

consequência de fenômenos econômicos.

Weber (2004) aponta a Reforma Protestante como importante fato histórico. Não no sentido de eliminar a dominação, mas pela substituição de uma dominação extremamente cômoda da Igreja Católica por incômoda, que penetrou e procurou regular todas as esferas da vida doméstica e pública. Na concepção de Giddens (1990), a novidade da obra de Weber não consiste em fazer uma relação entre a Reforma e o capitalismo moderno; autores anteriores a Weber já haviam feito essa relação, como foi o caso de alguns escritos de Marx e Engels. Sua originalidade é constituída a partir do entendimento que protestantismo, longe de se desinteressar do controle das atividades cotidianas, exigia aos seus fiéis uma disciplina muito mais rígida do que o catolicismo, introjetando assim um elemento religioso em todos os aspectos da vida do crente.

O espírito do capitalismo atual não é o mesmo de sua

origem. O primeiro, materializado na obra de Max Weber, dava especial valor a moral da poupança; já o segundo, o que predomina é a moral do trabalho e da competência. O ‘novo’ espírito do capitalismo se apóia no desenvolvimento que Boltanski e Chiapello (2009) denominaram de ‘mundo conexonista’ ou ‘cidade dos projetos’.

É relevante destacar que nos distintos períodos do capitalismo ocorreram mudanças significativas na sua forma organizacional e produtiva. De acordo com Harvey (1992) o novo momento do sistema é marcado pela flexibilidade no mercado de trabalho, dos padrões de consumo; há também o surgimento de serviços financeiros e novos mercados; além da manutenção de taxas intensificadas de inovação comercial, organizacional e tecnológica. A acumulação flexível no capitalismo seria um confronto direto com a rigidez do fordismo.

Na visão de Antunes e Alves (2004), as últimas décadas do século XX observou-

-se a expansão dos assalariados médios no ‘setor de serviços’, que inicialmente incorporou parcelas significativas de trabalhadores expulsos do mundo produtivo industrial, tal processo é resultado da ampla reestruturação produtiva ocorrida no sistema. Se por um lado, em um primeiro momento ocorreu forte absorção, pelo setor de serviços, dos desculpados pelo mundo industrial, faz-se necessário acrescentar que as transformações tecnológicas e organizacionais afetaram diretamente o mundo do trabalho nos serviços, que cada vez mais se subjugaram à racionalidade do capital e à lógica dos mercados.

No fim dos anos 60 e início dos 70 o capitalismo sentiu a redução do crescimento e rentabilidade; por outro lado a sua crítica estava no auge, como demonstrou os acontecimentos de maio de 1968 na França. Após a segunda metade da década de 70, o que se observou foi o sumiço repentino da crítica, deixando um espaço livre para a reorganização do capi-

talismo nas duas décadas seguintes. Seu papel se limitou ao registro das crescentes dificuldades do corpo social.

“Parece-nos útil, para tanto, abrir a caixa-preta dos últimos trinta anos e olhar ao modo como os homens fazem sua história. Voltando para o momento em que as coisas se decidem e mostrando que elas poderiam ter enveredado por direção diferente, a história constitui o instrumento por excelência da *desnaturalização* do social e está de mãos dadas com a crítica.” (Boltanski & Chiapello, 2009, p. 29).

ções iniciais, Boltanski e Chiapello (2009) propõem analisar as mudanças ideológicas que acompanharam as recentes transformações do capitalismo. O recorte temporal da obra abrange os acontecimentos de maio de 1968, aos anos 1980, até a segunda metade da década de 1990. O espaço da pesquisa é a França, os autores defendem que há boas razões para acreditar que os acontecimentos vivenciados no país, em boa medida, representam as mudanças ideológicas que ocorrem na reestruturação do capitalismo em outros países. Mais do que uma obra descritiva, é proposto um quadro teórico, cuja finalidade é de compreender a forma que se transformam as ideologias relacionadas às atividades econômicas. Boltanski e Chiapello (2009) são enfáticos ao afirmar que o conceito de ideologia não é empregado no sentido redutor, em certa medida vulgarizado pelos marxistas. Pretende-se empregá-lo como: “conjunto de crenças compartilhadas, inscritas em instituições, implicadas em ações e, portanto, ancoradas na realidade” (Boltanski e Chiapello, 2009, p. 33). A ideologia seria responsável por formar a base de justificação do ‘novo’ espírito do capitalismo.

A noção de ‘espírito do capitalismo’ é utilizada por Boltanski e Chiapello (2009) porque ela permite que os

conceitos de capitalismo e sua crítica sejam relacionados de forma dinâmica. A necessidade de um ‘espírito’ para o capitalista advém da própria incoerência do sistema, fato que justifica colocar a noção de ‘espírito’ no centro da análise. Na atualidade nota-se que os trabalhadores assalariados estão destituídos do resultado do seu trabalho, por consequência são incapazes de levar uma vida digna e independente. O valor que recebem pela venda de sua força de trabalho constitui no máximo uma razão para ficar no emprego e não de dedicar-se a ele. Em outra ponta, os capitalistas estão inseridos em um processo sem fim e abstrato de acumulação, totalmente desvinculado das necessidades de consumo, mesmo as mais supérfluas. Como pensar o engajamento pessoal em um sistema que não se justifica pelos seus resultados materiais? Boltanski e Chiapello (2009) chamam de espírito do capitalismo a ideologia que justifica o engajamento no capitalismo. Para ocorrer o engajamento “O capitalismo precisa ter condições de dar as essas pessoas a garantia de uma segurança mínima em verdadeiros santuários onde é possível viver, forma família, criar filhos etc.” (Boltanski e Chiapello, 2009, p. 39).

Os autores abordam a questão da coerção econômica, vinculada a propriedade privada dos meios de produção como um aspecto relevante no que tange a defesa que o capitalismo. Por esta razão o salário, desemprego e a ameaça da fome, na visão de Boltanski e Chiapello (2009) não seriam suficientes para engajar o trabalhador. O empenho do mesmo dependeria da aceitação do espírito do capitalismo, a ideologia que justifica o engajamento no capitalismo, ou seja, dos argumentos que valorizam os benefícios individuais e as vantagens coletivas da participação. Eles discordam que os trabalhadores aceitam que a atividade remunerada pode

estabelecer um bem comum para toda a sociedade, pois causaria progresso dos bens materiais, garantiria a satisfação das necessidades e a liberdade política. Alegações insuficientes para engajar os trabalhadores. Desta forma as justificativas necessitam ser buscadas ‘fora do princípio da acumulação’, pois o capitalismo seria uma forma histórica desvinculada da esfera moral. Neste cenário o sistema precisaria de seus inimigos, opositores para constituir pontos de apoio moral que lhe faltam e incorporar nos seus próprios dispositivos de justiça.

O capitalista originário da ética protestante apresentava atitudes, aparentemente irracionais que geraram uma conduta de vida racional. Para Weber (2004), o calvinismo defendia uma desumanidade patética, como foi o caso da doutrina da predestinação. Porém, o efeito foi uma mudança radical na condução da vida intramundana de seus membros. A santificação da vida no calvinismo assemelhava ao caráter de administração de empresa. O comportamento ascético tomava conta de toda a existência do indivíduo. A metódica conduta de vida ética influenciada pelo calvinismo contrastava com a posição do catolicismo e do luteranismo.

A desvinculação da possibilidade de salvação por intermédio da Igreja e dos sacramentos constitui a principal diferença dos calvinistas, em relação a católicos e luteranos. Para a igreja de Calvino, a responsabilidade de salvação dependia da conduta mundana, o fiel se via relegado a percorrer sozinho a estrada rumo ao encontro do seu destino na eternidade. Portanto, o calvinismo encerra um grande processo histórico, o gradual ‘desencantamento do mundo’.

Como foi possível verificar, o principal mérito da ética protestante consiste no fato de ela ter demonstrado que o instrumentalismo moral do espírito do capitalismo cons-

tituiu consequência involuntária de uma ética religiosa. Ou seja, que havia afinidade entre certas denominações protestantes e a ética econômica da atividade capitalista moderna. Onde foi demonstrado que a racionalização da vida econômica que caracteriza o capitalismo moderno se relaciona com compromissos de valores irracionais.

Observa-se que os três pilares que justificam o novo espírito capitalista são: eficiência na satisfação das necessidades, eficácia, e progresso material. Mas por se tratarem de aspectos genéricos e serem estáveis no tempo, tais razões não parecem suficientes para engajar a maioria das pessoas no mundo do trabalho capitalista. Boltanski e Chiapello (2009) ressaltam que o discurso empresarial é a forma ao qual o espírito do capitalismo é incorporado e apresentado com algo que deve ser compartilhado por todos. Discurso esse que tem com principal alvo os executivos, cuja adesão ao capitalismo é essencial para o bom funcionamento das empresas. Há também a preocupação que os filhos da burguesia não ‘desertem’, pois eles são o ‘viveiro’ natural para futuros recrutamentos. O capitalismo não encontra em si mesmo, nenhum motivo que justifique o engajamento.

O capitalismo é, provavelmente, a única, ou pelo menos a principal, forma histórica ordenadora de práticas coletivas perfeitamente desvinculadas da esfera moral, no sentido de encontrar sua finalidade em si mesma (a acumulação do capital com fim em si), e não por referência não só ao bem comum, mas também aos interesses de um ser coletivo, tal com povo, Estado, classe social. (Boltanski e Chiapello, 2009, p. 53).

Todas as organizações sociais são submetidas ao imperativo de justificação. Conforme Boltanski e Chiapello (2009), elas tendem a incorporar a referência da um tipo

de convenção muito geral, orientada para um bem comum, com pretensão a validade universal. Várias tipologias de cidades são criadas para orientar a análise da justiça no vários momentos vivenciados pelo capitalismo. Tais imperativos de justificação podem ser modelizadas pelo conceito de cidade. São identificadas na sociedade contemporânea seis lógicas de justificação, seis cidades. Dois tipos de fontes são utilizados para definir as 'grandezas': dados empíricos, colhidos por um trabalho de campo que fornecem um *corpus* de argumentos, e os construídos da filosofia política que possuem um nível elevado de coerência lógica.

Na 'cidade inspirada', a grandeza se encontra na distinção do santo que ascende a um estado de graça ou mesmo um artista que recebe inspiração. As manifestações inspiradas são: a santidade, criatividade, senso artístico, autenticidade. Elas constituem a forma privilegiada de expressão. Já na 'cidade doméstica' a grandeza das pessoas depende de sua posição hierárquica numa cadeia de dependências pessoais. O grande neste caso é o ancestral, o pai, a quem todos devem respeito e fidelidade. A grandeza só depende da opinião alheia na 'cidade da fama', ou seja, da quantidade de pessoas que concedem crédito e estima. Na 'cidade cívica', o grande é o representante de um coletivo cuja vontade geral ele exprime. O sucesso na prova do mercado concorrência é a marca da 'cidade mercantil', ou seja, o grande é aquele que enriquece com o sucesso na prova do mercado. E na 'cidade industrial', a grandeza se fundamenta na eficácia e determina uma grandeza de capacidades profissionais. (Boltanski e Chiapello, 2009).

Boltanski e Chiapello (2009) procurarão identificar quais as convenções e modos de referência ao bem comum são tomados de empréstimo pelo terceiro espírito do capi-

talismo que se encontra atualmente em formação. Os novos discursos justificativos capitalistas não se traduzem em nenhuma das seis cidades. Será necessário propor uma 'sétima cidade' que crie equivalências e justifique posições relativas de grandezas num mundo em rede. A base empírica dos autores será um *corpus* de textos sobre gestão empresarial dos anos 90, destinados a executivos, material propício para analisar o novo espírito do capitalismo.

Não se evidenciará neste trabalho o que Boltanski e Chiapello (2009) apresentam com o segundo espírito do capitalismo. Forma que teve seu pleno desenvolvimento entre os anos 1930 e 60. Tratava-se de um modelo onde predominava a grande empresa capitalista centralizada e burocratizada, fascinada pelo gigantismo, espaço de organização familiar. A figura do diretor era o principal ícone deste modelo de organização. Acredita-se que para os objetivos propostos no artigo, sejam suficientes as ponderações sob a gênese do capitalismo e do seu novo ou terceiro espírito do capitalismo. Após uma passagem pelo primeiro e o 'novo' espírito do capitalismo, ver-se-á como Castells (1999) compreende o período por ele denominado de 'sociedade em rede'.

### **A Sociedade em Forma de Rede**

O final do último século testemunhou a revolução tecnológica concentrada nas tecnologias da informação. Conforme Castells (1999), as mudanças sociais são tão drásticas quanto os processos de transformação tecnológica e econômica. Dentro das inúmeras alterações apresentadas, destaca-se a crise estrutural de legitimidade que os sistemas políticos atravessam, estão eles mais distantes dos cidadãos. Os movimentos sociais apresentam uma tendência de fragmentação, fenômeno que abre espaço para o reagrupamento em torno de

identidades primárias: religiosas, étnicas, territoriais entre outras.

"Cada vez mais, as pessoas organizam seu significado não em torno do que fazem, mas com base no que elas são ou acreditam que são. Enquanto isso, as redes globais de intercâmbios instrumentais conectam e desconectam indivíduos, grupos, regiões e até países, de acordo com sua pertinência na realização dos objetivos processados na rede, em um fluxo de decisões estratégicas." (Castells, 1999, p. 41).

Em outras palavras, na visão de Castells (1999) nossa sociedade cada vez mais é marcada pela oposição bipolar entre a 'rede' e o 'ser'. Ele não compartilha idéias presentes em várias correntes que defende o niilismo intelectual, ceticismo social e desgraça política.

Para Castells (1999), de forma inconsciente a revolução da tecnologia da informação difundiu na nossa sociedade o espírito libertário dos movimentos dos anos 60. Porém, após a propagação os valores foram difundidos por diferentes países, diversas culturas. O resultado foi que as novas tecnologias da informação foram aplicadas e utilizadas de inúmeras formas.

A reestruturação do sistema capitalista a partir da década de 1980 em grande medida foi condicionada pela revolução na tecnologia da informação. Neste cenário, Castells (1999) se propõe a estudar o surgimento de uma nova estrutura social, associada ao surgimento de um novo modelo de desenvolvimento, o 'informacionismo', que manifestou sob várias formas moldado pela diversidade de culturas e instituições em todo o planeta.

Em seu original trabalho, Bell (1974) aponta que a ideia de sociedade pós-industrial é nitidamente desvencilhada quando comparada aos atributos das sociedades industrial e pré-industrial. Na sociedade pré-industrial, o

que predomina é a estrutura agrária em moldes tradicionais, na qual o poder está em regra associado à propriedade fundiária. A sociedade industrial se alicerça na produção de bens industriais e o poder nela instituído pertence aos capitalistas. Já a sociedade pós-industrial tem como principal base o setor de serviços. A fonte do poder nela existente advém do domínio da informação. Em outras palavras, nesta sociedade verifica-se a ascensão dos serviços, que se tornam hegemônicos e, inversamente, pelo declínio das atividades industriais de modo geral.

Podemos dizer que se no primeiro espírito do capitalismo a 'inovação', sofreu implacável resistência diante um tradicionalismo enraizado na própria estrutura do Estado, na nova estrutura social as redes se constituem um sistema aberto dinâmico, cuja inovação não aparece mais como uma ameaça ao equilíbrio, mas o seu próprio motor.

### **Convergência e Aproximações Metodológicas entre as Abordagens**

Se colocados em comparação, o 'novo espírito do capitalismo' e a 'sociedade em rede', é possível verificar complementaridades entre ambas. O último, de forma exaustiva apresenta um conjunto dados e informações, de considerável número de países para comprovar a ocorrência de mudanças estruturais na sociedade contemporânea. Já o primeiro analisa o conteúdo desta mudança de forma mais qualitativa. Possivelmente tal objetivo não teria sido alcançado, sem a restrição da análise ao espaço francês, o que não invalida a capacidade analítica desta pesquisa.

A abordagem de Boltanski e Chiapello (1999) se distancia da tentativa de explicar a gênese do capitalismo, o objetivo é entender como na atualidade o sistema recruta

os atores necessários para formação do lucro. Por outro lado, os autores adotam o método do tipo ideal weberiano, para captar as variações que o capitalismo atravessou nos últimos 30 anos e entender os traços ideológicos específicos que caracterizam a nova representação do sistema. Diferente de Castells (1999), Boltanski e Chiapello (2009) não usam fontes estatísticas. A idéia foi resgatar a literatura sobre a gestão empresarial destinada a executivos, tendo em vista que se trata de um dos principais espaços de inscrição do espírito do capitalismo. A literatura de gestão empresarial que não é puramente técnica, além de receitas para melhor o desempenho das organizações, também é carregada de um forte conteúdo moral. Segundo os atores, os textos são como o *exemplum* que deve ser seguido, ou virtudes que devem ser praticadas.

A intenção de Castells (1999) não é o de fazer um livro sobre livros, seu argumento defende que já existe um bom conjunto de teóricas sobre sociedade da informação, pós-industrialíssimo, pós-modernidade, entre outros temas contemporâneos. A proposta é construir um discurso que integre matérias e observações de diversas fontes. É considerável a quantidade de informações apresentadas na obra, os dados vão desde estatísticas da ONU e Banco Mundial à monografias acadêmicas e empresariais. A idéia do autor é utilizar um *corpus* de observações selecionadas para posteriormente sugerir hipóteses. Segundo ele a metodologia utilizada no estudo "... está a serviço do objetivo abrangente de seu empenho intelectual: propor alguns elementos de uma teoria transcultural exploratória da economia e da sociedade na Era da Informação, no que se refere especialmente ao surgimento de uma nova estrutura social." (Castells, 1999, p. 61). O tamanho da obra é proporcional a penetrabilidade do

informacionalismo em todos os domínios sociais e culturais. Arrisco a dizer que o principal preocupação de Boltanski e Chiapello (2009) foi de entender a 'alma' ou novo 'espírito' do capitalismo, já Castells (1999) se propõe a desvencilhar a configuração que este novo 'corpo' social, econômico e cultural adquiriu. Ou seja, os contornos e as formas assumidas pela sociedade em rede.

### **Poder na Estrutura de Rede**

O conhecimento e a informação sempre foram elementos importantes em todas as formas de desenvolvimento, tendo em vista que o processo de produção em grande medida está ancorado no conhecimento e no processamento da informação. "... o que é específico ao modo informacional de desenvolvimento é a ação de conhecimentos com principal fonte de produtividade." (Castells, 1999, p. 54). Posição semelhante é defendida por Boltanski e Chiapello (2009) na análise dos discursos empresariais é colocado em primeiro plano "... a importância da informação como fonte de produtividade e lucro." (Boltanski e Chiapello, 2009, p. 104). A partir do estudo do caso francês, os autores ressaltam que no mundo em rede há uma correlação direta entre capital social e capital informacional. Isso quer dizer que a informação é ao mesmo tempo resultado e condição para multiplicação de conexões, de tal maneira que a desigualdade de informação é cumulativa. 'O grande' da cidade dos projetos deve distribuir com sua equipe os bens raros aos quais têm acesso, e o bem mais importante que ele possui é a informação.

Se no industrialismo o importante é o crescimento da economia e a maximização da produção, no informacionalismo, o principal aspecto é desenvolvimento tecnológico, ou seja, a acumulação de conhecimento em níveis mais elevados de complexidade no pro-

cessamento. Castells (1999) acredita que embora o novo paradigma da informação seja originário das esferas dominantes da sociedade, ele se difunde para todas as estruturas sociais.

### **O Tempo com Variável Central para Entender o Espírito do Capitalismo**

As especificidades do capitalismo ao longo dos tempos podem ser evidenciadas, pela forma com o tempo é utilizado, com vista à conquista ou atingir determinado objetivo. Weber (2004) apresenta nas palavras de Benjamin Franklin, a definição pura do que seria o primeiro espírito do capitalismo, nele o tempo aparecer como uma variável chave.

"Lembra-te tempo é dinheiro; aquele que com seu trabalho pode ganhar dez xelins ao dia e vagabundeia metade do dia, ou fica deitado em seu quarto, não deve, mesmo que gaste apenas seis pence para se divertir, contabilizar só essa despesa; na verdade gastou, ou melhor, jogou fora, cinco xelins a mais." (Weber, 2004, pp.4 2-43)

Observa-se que no fundo as advertências morais são de cunho utilitário, virtudes que de forma despreziosa ou não intencional, formaram a base do capitalismo ocidental. Na cidade dos projetos de Boltanski e Chiapello (2009) o tempo também é um bem raro. 'O grande', nesta cidade é aquele capaz de otimizar o uso deste recurso escasso, principalmente escolhendo com discernimento as relações que devem ser mantidas, evitando conectar-se a pessoas próximas, ou aquelas que propiciam somente prazer de ordem afetiva ou lúdica. Na visão de Castells (1999), a personificação do tempo é uma marca da nossa sociedade. Trata-se de uma categoria que é central no debate da teoria social. No atual contexto se verifica o que se poderia chamar de 'tempo intemporal', trata-se de uma forma dominante emergente na sociedade

em rede. Castells (1999) se aproxima de Boltanski e Chiapello (2009) ao dizer "O que está em jogo e parece ser a tendência predominante na maioria dos setores avançados da maior parte das sociedades desenvolvidas é a diversificação geral do tempo de trabalho." (Castells, 1999, p. 536). Como foi possível observar, as concepções de tempo estão intimamente ligadas à forma como o poder é exercido dentro do sistema capitalista.

As palavras de Benjamin Franklin expressam que tempo é algo valioso; horas desperdiçadas são horas perdidas de trabalho. O crente ascético estava liberto dos entraves tradicionais que condenava o enriquecimento. O acúmulo de bens materiais como fruto do trabalho passou a ser algo bem visto por Deus. A única advertência era sobre a má utilização da riqueza em uma vida ociosa e de prazeres. A preguiça, perda de tempo e o consumo supérfluo são os pecados por excelências. Em outras palavras, para um calvinista, desejar ser pobre é a mesma coisa de desejar ser doente, sua prática ascética estava ancorada na produção de riqueza privada. Boltanski e Chiapello (2009) destacam que no mundo em rede o senso de poupança não desapareceu, mas ela não é mais o principal meio de promoção social como foi no primeiro espírito do capitalismo. Na sociedade em rede, ganha força a possibilidade de locação ou empréstimo. O que importa agora é a disponibilidade. "O homem ajustado a um mundo conexonista preferirá, por exemplo, alugar a residência principal, pois ele é levado a mudar-se frequentemente..." (Boltanski e Chiapello, 2009, p. 191). A constituição de uma nova 'Era do Acesso' é proposta por Rifkin (2005). Segundo ele, os conceitos de guardar e acumular estão ficando obsoletos, pois em uma sociedade onde a inovação tecnológica está ocorrendo em ritmo cada vez mais intenso, a idéia de propriedade passa a ser bastante problemá-

tica. No mundo das cidades dos projetos, as pessoas dispõem dos bens durante um tempo que lhes convém. O poder de coerção da posse da propriedade é substituído pelo acesso fácil e temporário dos recursos locados.

A análise realizada por Weber (2004) é centrada na ‘ação social’ do capitalista, ou seja, em sua conduta dotada de sentido racional. O ethos da conduta do mesmo influenciou de forma decisiva a estrutura organizacional do capitalismo nascente. O controle do tempo, a vigilância, a disciplina na realização de todas as funções, a separação entre o tempo da fábrica e o tempo de lazer, entendendo o lazer como período de descanso funcional para uma maior produtividade no ambiente de trabalho. De acordo com estas características, as organizações do primeiro espírito capitalista em Weber (2004) se aproximam da ‘sociedade disciplinar’ de Foucault (1996), constituída por grandes meios de confinamento, tendo como características principais a distribuição de indivíduos em espaços individualizados, hierarquizados e classificatórios. Em síntese, busca estabelecer uma sujeição do indivíduo ao tempo com a pretensão de tornar seu trabalho mais eficaz possível. A análise de Boltanski e Chiapello (2009) aponta que a empresa característica da cidade por projetos é pensada como uma empresa enxuta, na sua estrutura não há mais um grande número de escalões hierárquicos. “... a imagem típica da empresa moderna hoje em dia é de um núcleo enxuto rodeado por uma miríade de fornecedores, serviços terceirizados, prestadores de serviços e trabalhadores temporários...” (Boltanski e Chiapello, 2009, pp. 102-103). Os trabalhadores não estão mais inseridos em uma estrutura inflexível, eles se organizam em pequenas equipes pluridisciplinares, a figura do chefe é substituída por um coordenador. Agora todos os membros da equipe

não precisam ficar presos ao mesmo espaço físico, vigiados por um ‘Panóptico’, para utilizar o termo de Jeremy Bentham. O trabalho se dá em rede, ancorado pelos grandes avanços nas tecnologias de telecomunicações.

### Considerações Finais

Seria miopia acreditar que a ‘labuta’ diária, característica do primeiro espírito do capitalismo, foi substituída na maioria das nações por um novo espírito que valoriza a ‘atividade’ profissional que mistura atividade profissional, lúdica e pessoal. Não faz parte do cotidiano da maioria dos trabalhadores dos países periféricos do capitalismo formas de remuneração, tais com honorários, direitos autorais, royalties. Ou quando não estão em plena informalidade, o modo mais característico de remuneração é o assalariamento em tempo integral que, segundo Boltanski e Chiapello (2009) são características presente na gênese do capitalismo. Poder-se-ia dizer que a tipologia do primeiro espírito do capitalismo não se encontra totalmente extinta. Uma das explicações é que os diversos países não estão no mesmo momento, ou melhor, não partilham do mesmo espírito do capitalismo. Essas ponderações não visam questionar o poder explicativo de tais teorias para fenômenos que são emergentes em nosso tempo, porém é necessário ponderar a intensidade e abrangências das transformações. A difusão do informacionalismo para Castells (1999) é inseparável da reestruturação do capitalismo em escala global. No entanto, a reação de cada sociedade a essas mudanças não tem sido homogênea. Cada sociedade possui uma especificidade histórica, cultura e instituições diferentes.

Foi possível observar que entre a sociedade industrial e pós-industrial, não se observa somente a mudança de critérios de propriedade, ou políti-

cos, aos do conhecimento, que passa a alicerçar o novo poder. Para Bell (1974), por exemplo, há alterações no caráter do próprio conhecimento. O que se tornou determinante à sociedade é a centralidade atual do conhecimento; a primazia da teoria sobre o empírico. Se os personagens centrais no último século foram as do empresário, do homem de negócios e do executivo industrial, os ‘novos homens’ são os cientistas, economistas, engenheiros e matemáticos da nova tecnologia industrial.

A obra de Boltanski e Chiapello (2009) consegue ressignificar a noção de exploração, uma vez que a desigualdade surge da assimetria num clique com diferenciação entre móveis e imóveis. Na visão de Pauli (2009), por exemplo, o modelo proposto por eles compreende as assimetrias sociais, uma vez que o conexionismo desenvolve uma forma de exploração que se sustenta na mobilidade de determinados indivíduos em um campo de ação indefinido quanto aos limites ‘físicos’, e pouco controlados no sentido da ordenação dos fluxos burocráticos. A principal característica do conector seria a mobilidade que lhe confere o poder para conectar pessoas e colocá-las em locais estratégicos, atuando como seus substitutos e que devem permanecer imóveis enquanto o conector continua se movendo, aumentando capital social e transformando este em capital econômico. Em outras palavras, a imobilidade de alguns é a condição de possibilidade da movimentação de outros.

Desta forma, ideia da constituição de redes técnicas como o caso do surgimento da internet, descrita por Castells (1999), pode ser imaginada de forma semelhante às redes empresariais e suas práticas adotadas nas últimas décadas. A ‘metáfora da rede’ está longe de se limitar a uma visão pejorativa, de redes de corrupção, narcotráfico, prostituição, entre outras. É resgatada para apresentar um novo

‘espírito do capitalismo’. O novo espírito capaz de absorver críticas de diversas naturezas e conquistar para sua estrutura parte importante daqueles que o contestavam. Várias mudanças foram percebidas, entre elas a flexibilização produtiva e a constante promessa de mobilidade dos seus trabalhadores. A sociedade que emerge no final do século XX para Castells (1999) foi descrita como uma ‘rede’, ou seja, um conjunto de nós interconectados, que podem expandir de forma ilimitada. A nova morfologia social pode modificar de forma substancial os resultados dos processos produtivos e as experiências sociais e culturais.

### Referências

- Antunes R, Alves G (2004) As mutações no mundo do trabalho na era da mundialização do capital. *Educ. Soc.* 25: 335-351.
- Bell D (1974) *O Advento da Sociedade Pós-Industrial*. Cultrix. São Paulo, Brasil. 540 pp.
- Boltanski L, Chiapello E (2009) *Novo Espírito do Capitalismo*. Martins Fontes. São Paulo, Brasil. 781 pp.
- Castells M. (1999) *A Sociedade em Rede*. Paz e Terra. São Paulo, Brasil. 571 pp.
- Foucault M (1996) *Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão*. 14ª ed. Trad. Raquel Ramalheite. Vozes. Petrópolis, Brasil. pp. 173-199.
- Giddens A (1990) *Capitalismo e Moderna Teoria Social*. Presença. Lisboa, Portugal. pp. 175-190.
- Harvey D (1992) *Condição Pós-Moderna: Uma Pesquisa sobre as Origens da Mudança Cultural*. 5ª ed. Loyola. São Paulo, Brasil. pp. 115-184.
- Pauli J (2009) Estratégias individuais e ordens de justiça no capitalismo conexionalista. XIV Congresso Brasileiro de Sociologia. 28-31/07/2009. Rio de Janeiro, Brasil.
- Rifkin J (2005) *A Era do Acesso*. Makron. São Paulo, Brasil. 368 pp.
- Weber M (2004) *A Ética Protestante e o “Espírito” do Capitalismo*. Companhia das Letras. São Paulo, Brasil. 335 pp.